

# Hjelmslev

Um nome fundamental para  
a lingüística do século XX

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

O dinamarquês Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965) pode ser considerado uma das figuras mais importantes da lingüística de nosso século. Ferdinand de Saussure foi o responsável pela transformação efetiva da lingüística em ciência; Roman Jakobson, com seus conhecimentos imensos e vasta gama de interesses, um dos nomes de maior peso; Nikolai S. Trúbetzkoi, fundador da fonologia, leitura obrigatória, e Noam Chomsky, com a gramática gerativo-transformacional, protagonista de uma pequena revolução interna no domínio lingüístico. Contudo, Hjelmslev também ocupa posição central nessa galeria, por diversos motivos. Não deixa de ser observação pertinente o fato de que a Dinamarca produziu outros lingüistas de relevo para o desenvolvimento desta ciência humana. Primeiro, foi Rasmus Rask (1787-1832), uma espécie de pioneiro dos estudos comparatistas, que legou mais de 150 manuscritos sobre as mais diferentes línguas e foi um dos primeiros a atentar para as similaridades existentes entre os idiomas do grupo fino-ugriano. Depois, Viggo Brøndal (1887-1942), com quem Hjelmslev trabalhou e aprendeu.

Hjelmslev – nisso há um notável paralelo com Saussure – dedicou suas pesquisas iniciais ao lituano, com os *Estudos Bálticos* (1932), que muito o ajudariam no desenvolvimento ulterior de suas concepções teóricas. Entre 1926 e 1927, fixa-se na França, onde tem oportunidade de conviver com Antoine Meillet, indo-europeísta que é nome essencial, e Joseph Vendryès; nessa ocasião parece nascer o projeto referente a uma “sintaxe indo-européia geral”, que jamais viria a ser desenvolvida. Em 1928, com apenas 29 anos, publica os *Princípios de Gramática Geral*, uma antecipação do cientista rigoroso e preciso. Entre 1935 e 1937, vêm à luz os trabalhos sobre a categoria dos casos – obra indispensável para qualquer lingüista bem articulado –, sob o título *A Categoria dos Casos*. Estudo de gramática geral, que revela um pesquisador de conhecimentos profundos original, capaz de examinar, ao mesmo tempo, a teoria dos casos em diacronia, propor um enfoque próprio e estudar – com exemplos extraídos de vários sistemas lingüísticos, inclusive do grupo caucásico – as mais diversas manifestações dos casos, que continuariam merecendo atenção especial de estudos e lingüistas posteriores (inclusive no chamado pós-estruturalismo, figurando nas obras de autores como Charles J. Fillmore e Bernard Pottier).

Durante a Segunda Guerra Mundial, sob ocupação nazista, escreve quase simultaneamente dois grandes trabalhos: *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem* (publicado, em 1943, em Copenhague; a tradução inglesa, editada pela Universidade de Indiana, em 1953, viria ampliar o público leitor da obra, até então circunscrita aos iniciados na língua materna do Autor) e *A Linguagem*, que apareceria, em tradução francesa, em 1963. Esta última obra propõe uma interpretação da gramática histórica à luz de uma tipologia lingüística geral fundamentada na concepção estruturalista. *Prolegômenos* expõem as idéias mais importantes de Hjelmslev, visto que, muito próximo ao empirismo lógico do século XX, preocupou-se em construir uma teoria geral dos signos, precisa, clara e bem articulada. Um dos grandes méritos (entre outros tantos) da obra consiste na abstração formal e na preocupação constante com a metalinguagem, encarada pelo Au-

**ALEKSANDAR JOVANOVIĆ** é doutor em Lingüística, professor da Faculdade de Educação da USP, presidente da Sociedade Brasileira de Eslavística e tradutor, entre outros, de *Paisagem Pintada com Chá* (Companhia das Letras), de Miroslav Pávitch e *Literatura Universal do Século XX*, de Miklós Szabolcsi.

*Ensaio Lingüístico*, de Louis T. Hjelmslev, tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Editora Perspectiva, 296 pp.

tor como questão-chave para a construção de uma teoria lingüística. A tradução dos *Ensaaios Lingüísticos* (publicados em Copenhague, em 1959) deve ser saudada como fato de relevo, porquanto incorpora ao mundo da língua portuguesa mais um segmento do espólio teórico desse notável cientista.

A glossemática (designação conferida à teoria lingüística por Hjelmslev) objetivou transformar a ciência lingüística num modelo metodológico para as demais ciências humanas (e, segundo entendemos, os estudos semiótico-lingüísticos, posteriores aos anos 70, conseguiram atingir esse alvo, de maneira considerável), a exemplo do que ocorre com a matemática no seio das ciências naturais. Apesar disso, não foram poucas as críticas recebidas pela glossemática, acusada, entre outras coisas, de considerar que a relação entre a teoria e o seu objeto tem caráter epistemológico-metodológico que não leva em consideração a funcionalidade da teoria<sup>(1)</sup>. Exageros à parte, convém salientar que os trabalhos da Escola de Copenhague, e particularmente a obra de Hjelmslev, haveriam de influenciar, inclusive, os estruturalistas soviéticos<sup>(2)</sup>.

Com efeito, Hjelmslev encara a língua como um sistema de signos – como o fazia Saussure –, mas observa que, para cumprir tal função, a própria língua deve ser capaz de produzir novos signos. Sua concepção dinâmica de sistema e estrutura fundamental, portanto, os estudos semióticos pós-estruturalistas, cujo expoente maior é o lituano Algirdas J. Greimas; isso significa, em outras palavras, que a fecundidade de suas proposições haveria de provocar mudanças visíveis na direção das pesquisas lingüísticas<sup>(3)</sup>. É preciso frisar, entretanto, que a abstração matemática, característica básica de toda a obra do estudioso dinamarquês, é um de seus grandes legados e, ao mesmo tempo, uma das grandes dificuldades apontadas como entrave para a compreensão de seus escritos, a exemplo do que já acontecia com Brondal<sup>(4)</sup>. Se Saussure elaborou uma proposta que combatia a concepção clássica de signo (o signo representa um objeto *il absentia*), Hjelmslev fez a crítica ao signo de Saussure, porque a relação estabelecida entre significante/significado era suscetível de objeções. Assim, o cientista dinamarquês sustenta que a língua é *uma forma entre duas substâncias*, e afirma que a função semiótica é a relação de dependência entre conteúdo e expressão, tal que o conteúdo só é em relação a uma expressão, e a expressão só é em relação a um conteúdo; ambos os termos só são na relação de significação, e esta (relação de significação) só é entre os dois termos. Para Hjelmslev, o signo é uma *grandeza*, função em que nenhum dos termos é função, mas os termos são functivos. Por isso, o signo de Hjelmslev é conteúdo e expressão, estabelecendo-se entre ambos uma relação de dependência tal que ao significado de Saussure correspondem a substância (semântica) e a forma (semêmica) do conteúdo, e ao significante de Saussure, a forma (fonêmica) e a substância (fônica) da expressão.

Com efeito, a crítica mais coerente ao estruturalismo lingüístico insurge-se contra a concepção estática de sistema, já que os estruturalistas estudavam o sistema, e não o discurso; estudavam a língua, e não a fala; estudavam o enunciado, e não a enunciação. Nos anos 60, os críticos do estruturalismo fixaram-se em outro pólo: estudavam o discurso, a fala e a enunciação, sem o sistema, sem a língua, sem o enunciado. Nos anos 70, surge um novo projeto de ciência – a semiótica –, estribada numa perspectiva pan-crônica *lato sensu* (neutralização da oposição sincronia/diacronia), que propõe o seguinte: o funcionamento da língua como instrumento de comunicação e a mudança no eixo do tempo são um único processo; a língua funciona mudando, e muda funcionando. Na verdade, a semiótica baseou-se nas propostas de Hjelmslev, para quem os dados da experiência são um *continuum* amorfo (substância semântica designada pelo termo *structura structurans*) que se projetam sobre outra substância, produzindo recortes (*structura structurata*) que passam a ter valor em decorrência de suas relações<sup>(5)</sup>.

Greimas assevera que Hjelmslev, ao elaborar a dicotomia substância-forma, possibilitou à lingüística superar determinadas contradições herdadas do século passado e, ao mesmo tempo, tal fato estendeu-se às ciências humanas. E acrescenta:

*“La substance, qui est à distinguer de la ‘matière’, du support physique ou psychique de nature non linguistique, est articulé, à l’aide de la forme, tout aussi bien sur le plan de l’expression que sur celui du contenu: il existe donc une forme de l’expression et une forme du contenu. La grammaire est une analyse de la forme du contenu, cette forme relève de l’ordre du signifié, c’est une forme signifiante comme ne cessait de le répéter, dans une autre domaine, Merleau-Ponty. Il existe, sans doute, une forme et une substance de l’expression; n’empêche que ceux sortes d’études formelles sont également possibles et valables. Une telle conception de la forme – à mille lieues de la tradition du XIXe. siècle – non seulement explique les po-*

1 Škiljan, por exemplo, afirma que a glossemática é uma abordagem formal que pretende libertar-se de todos os condicionamentos filosóficos e metafísicos, o que a faz cair na própria armadilha, por considerar que o objeto da teoria é algo previamente determinado e essencialmente desvinculado do pesquisador, fato que tende a negar todas e quaisquer possíveis relações dialéticas entre teoria e prática. Škiljan, Dubravko – *Pogled u Lingvističku*, II izdanje. Zagreb, Školska Knjiga, 1985, p. 74. Coseriu é um outro crítico da glossemática, chegando a observar o seguinte: “De fato, a ‘língua’ de Hjelmslev é uma ‘rede de funções’ – entendidas estas no sentido matemático, como relação entre ‘funcivos’ –, um objeto puramente formal, independente de sua manifestação numa ‘substância’ qualquer (fônica, gráfica, etc.). O próprio eixo da glossemática é a tese saussuriana de que a ‘língua’ é uma forma e não uma substância e a consequente redução da língua à estrutura puramente ‘formal’ (relacional): tudo o que não é ‘forma pura’, no sentido glossemático, não é propriamente ‘língua’ (esquema), mas realização, ‘fala’ (uso) e, com respeito à forma pura, é ‘substância’; assim, por exemplo, a língua fônica é uma ‘substância’, em relação ao esquema que manifesta. Mas este eixo não é muito sólido”. Vide: Eugenio Coseriu, *Sincronia, Diacronia e História: O Problema da Mudança Lingüística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira*. Rio de Janeiro, Presença; São Paulo, Editora da USP, 1979, p. 223.

2 Este aspecto pode ser examinado em: S. K. Chaumián, *Struktúrnaia Lingvístika kak Immanéntnaia Teória lazyká*. Moskvá, Izd-vo Naúka, 1958.

3 Barbosa é um dos autores que sustentam a tese de que as proposições de Hjelmslev produziram profunda reformulação nos conceitos de Saussure, que norteavam o “estruturalismo clássico”. Trata-se, com efeito, de asserção exata. Vide: Maria Aparecida Barbosa, *Léxico, Produção e Criatividade*. Processos do Neologismo, São Paulo, Global, 1981, p. 10.

4 A lingüista Ivić, por seu turno, dedica muitas páginas à análise desse aspecto da obra do criador da glossemática, passando em revista, inclusive, as críticas recebidas por Hjelmslev, cujo trabalho acabou sendo até rotulado de “neo-saussuriano”. Vide: Milka Ivić, *Pravci u Lingvistici*. Peto izdanje. Ljubljana, Državna založba Slovenije, 1983, p. 155 e segs.

5 A esse respeito, com mais pormenores, vide: Cidmar Teodor Pais, “Systèmes de Signes et Systèmes de Signification Au-Delà du Structuralisme”, in *Acta Semiotica et Lingvistica*, 4, 1980, pp. 69-80.

*sitions épistémologiques du structuralisme français et rend compte du renouveau des recherches sémantiques et sémiologiques, elle menace de s'introduire dans le domaine sacro-saint des lettres humaines en les aidant à se constituer en sciences humaines*<sup>6</sup>.

Examinemos, agora – sem furtar ao leitor dos *Ensaio Lingüísticos* o prazer da fruição própria desse trabalho de Hjelmslev –, a obra em questão, de modo rápido e sucinto. Em primeiro lugar, revelam preocupações e pesquisas diversas do incansável estudioso, cuja obra continua, meio século depois, possibilitando leituras e interpretações férteis e nucleares no domínio dos estudos semiótico-lingüísticos. O trabalho intitulado “Animado e Inanimado, Pessoal e Não-Pessoal” analisa, à luz dos trabalhos comparativistas, a categoria do gênero, fazendo observações perspicazes a respeito do grupo eslavico. Contudo, Hjelmslev não se contenta em passar em revista as teorias do século passado e as conclusões de indo-europeístas de nosso século; propõe, ele próprio, distinções importantes que o aproximam, em alguns casos, do enfoque conferido por Roman Jakobson à categoria dos casos, em eslavo<sup>7</sup>. Ora, a exemplo do indo-europeu, as línguas eslavicas (exceções ao búlgaro e macedônio modernos, que sofreram profundo processo de alteração tipológica, que resultou no desaparecimento quase completo das flexões) são caracterizadas, entre outras coisas, pelo fato de as flexões nominativas amalgamarem num único morfema gramatical os taxemas gênero, número e caso. Não é o caso das línguas fino-ugricas, onde sucessivos e distintos morfemas gramaticais indicam os taxemas número e caso, por exemplo. É justamente nesse terreno que o Autor se movimenta com absoluta familiaridade, propondo modelos importantes para o estudo da tipologia do grupo eslavo.

**Em 1928, com apenas 29 anos, Hjelmslev publica os "Princípios de Gramática Geral", uma antecipação do cientista rigoroso e preciso. Entre 1935 e 37 vem à luz os textos de "A Categoria dos Casos"**

No ensaio “Noção de Recção” mostra que a morfologia e a sintaxe não podem ser vistas de modo separado, isto é, que os eixos sintagmático e paradigmático se condicionam mutuamente. Entretanto, suas observações fecundas serviriam de base, mais tarde, para estudos profundos a respeito do problema, como é o caso do francês Bernard Potier<sup>8</sup>, que dedica bastante atenção à actância e ao próprio sistema casual, à luz, é claro, dos postulados pós-estruturalistas, o que implica as noções de estrutura profunda e estrutura superficial (herdadas da gramática gerativo-transformacional). Não importa: os germes da questão estão no trabalho de Hjelmslev.

Em “Teoria dos Morfemas” (escrito em 1938), o Autor analisa, entre outras coisas, as relações entre as categorias do caso, pessoa e voz (recção), mostrando, sempre em sua linguagem abstrata e de maneira sintética, os fundamentos dos atuais estudos morfossintático-semânticos que acabariam desaguando em estudos específicos a respeito da estruturação sêmio-táxica intra- e extralexia. Ali estão, de forma incipiente e sucinta, algumas distinções básicas nos estudos semântico-sintáticos modernos que apontam, de modo claro, que o morfema e o limite inferior da significação, mas via de regra, os morfemas distribuem-se nas línguas em suas classes: morfemas lexicais e morfemas gramaticais. Essa distinção permitiu, também, desenvolver os estudos de semântica gramatical, fundamentais para o conhecimento da tipologia lingüística. E isso somente se tornou possível graças à concepção de signo lingüístico proposta pelo autor dinamarquês.

Não há como iludir o leitor: os *Ensaio Lingüísticos* são intensamente complexos, como, de resto, toda a obra de Hjelmslev. Inobstante tal fato, ou por isso mesmo, leitura obrigatória para os que navegam nas águas dos estudos semiótico-lingüísticos, sobretudo face ao papel desempenhado pela obra do Autor no desenvolvimento recente das ciências humanas.

6 Louis Hjelmslev, *Le Langage*. Une introduction augmentée des degrés linguistiques. Traduit du danois par Michel Olsen. Préface de Algirdas Julien Greimas. Paris, Minuit, 1969, p. 15.

7 Não deixa de ser significativo o paralelismo entre a profundidade do enfoque conferido por ambos os pesquisadores ao problema em tela. O estudioso russo, em seus “Morfologičeskie Nabljudénia nad Slaviánskimi Sklonéniami (sostáv rússkikh padéjnykh form)”, oferece um amplo quadro a respeito do sistema casual do russo moderno. Já no artigo “The Relationship Between Genitive and Plural in the Declension of Russian Nouns” não se limita à análise da relação genitivo-plural em russo; estende o trabalho a outros idiomas do grupo, com rigor formal similar ao do colega dinamarquês. Vide: Roman Jakobson, *Selected Writings*. Word and Language. The Hague/Paris, Mouton, vol. 2, respectivamente pp. 154-83 e pp. 148-53.